

## **A POÉTICA DA AÇÃO: DOM HELDER E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Antonio Edmilson Martins Rodrigues \*

*"Não devemos temer a utopia.  
Gosto de repetir que,  
ao sonharmos sozinhos,  
limitamo-nos ao sonho.  
Quando sonhamos em grupo,  
alcançamos imediatamente a realidade."  
(Helder Camara)*

### **I – A título de localização**

Os pesquisadores da história da cidade do Rio de Janeiro dificilmente olham para as dimensões mais específicas da cidade. Capital do Brasil secular, a cidade acabou por perder a sua história e com isso foi sempre apresentada como Brasil. Os prejuízos foram enormes e, de certo modo, impossíveis de serem recuperados. Este texto é uma tentativa de realizar essa recuperação através da trajetória de uma das figuras mais emblemáticas de sua vida urbana, por ter se envolvido de corpo e alma na sua história: Dom Helder Camara.

Este texto tratará de aspectos da vida e da obra do bispo do Rio de Janeiro, tomados a partir dos cruzamentos das conjunturas nacional e internacional dos anos 1950 e 1960, e localizados na cidade do Rio de Janeiro, na época capital e também Estado da Guanabara.

Quando se alude a esses anos, principalmente aqueles que terminam em 1964, vem logo à nossa mente a ideia de "anos dourados". A alusão aos anos dourados é uma mistura de ironia com a celebração feita pela minissérie de Gilberto Braga exibida pela Rede Globo. A glosa me permite trabalhar no sentido inverso e começar realçando as instabilidades do período.

Constituídos como referência contemporânea, os anos dourados sinalizam para um momento histórico diferente e melhor do que os anos de

---

\* Departamento de História/PUC-Rio

hoje, ganhando com isso uma dimensão romântica, mas também anos melhores do que aqueles que os antecederam, numa referência paradoxal, pois pensamos os anos do Estado Novo, mas com o mesmo presidente Getúlio Vargas dos anos dourados e com relação à redemocratização, termo também confuso que sugere que antes tivemos uma democracia.

## **II – As instabilidades do período**

No campo da economia, depois do júbilo da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, os conflitos localizados introduziram a Guerra Fria, dividindo o mundo em dois grandes blocos de influência que justificaram, em primeiro lugar, o aprimoramento democrático dos países latino-americanos, com a integração econômica definida a partir de parcerias desiguais, que comprimiram a industrialização para interesses externos, levando a constituição de propostas nacionalistas que desembocaram no reformismo da esquerda e no cosmopolitismo conservador de direita, permitindo o avanço do populismo de Estado, e criando obstáculos ao desenvolvimento do livre mercado.

A hegemonia americana acelerou o modelo do Estado de Bem Estar Social como a fórmula ideal de modernização, imprimindo movimento a uma economia de setores médios e de serviços.

No campo da política, a vitória dos aliados colocou em cheque o modelo conservador de desenvolvimento do Estado Novo e investiu ferozmente na modernização política através da democratização que levou novamente Vargas ao poder como grande líder do Brasil moderno, incentivando o avanço e a organização dos setores populares na velha prática corporativa e nacionalista do Estado Novo. A criação artificial de partidos e a exclusão dos comunistas levou ao avanço das contradições responsáveis pela instabilidade e pelo constante perigo de golpe a partir dos setores militares e médios que identificavam trabalhismo com comunismo.

No campo social, inicia-se a modernização e com ela as diferenças sociais se acentuam, abrindo barreiras cada vez maiores entre as classes. Isso se amplia com o aumento das diferenças espaciais e geográficas que conduziram a existência de Dois Brasis, título do livro de Jacques Lambert. Êxodo rural, provocado pela crise no Nordeste decorrente das secas, pobreza e misérias urbanas são os resultados diretos. Com o êxodo rural, as

áreas ricas do Brasil passaram a ser focos de atração e o resultado e o crescimento das grandes cidades. Esse crescimento paradoxal se realizou com a utilização da mão-de-obra desses retirantes que acabaram nas favelas.

No campo cultural, forte desenvolvimento do nacionalismo e do internacionalismo. Este principalmente referido aos setores médios que transformaram o ensino na ferramenta crítica que politizou, junto com os sindicatos e partidos a sociedade. A UNE e os Centros Populares de Cultura tomaram a frente do processo de crítica do Estado e dos projetos burgueses. O cinema novo e as chanchadas mostraram o vigor de nossa inteligência, representada pela inquietude modernista com expressões como o neoconcretismo e o avanços na arquitetura. Tudo isso se associa à mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

Essas instabilidades aumentaram com o novo caminho da Guerra Fria. A Revolução Cubana e a Revolução Chinesa mudaram a paisagem da América Latina e introduziram novas estratégias de dominação. Por parte dos EUA, há uma mudança no modo de ajudar. De uma política de apoio às democracias para o apoio aos setores tradicionais e militares capazes de manter a ordem diante do perigo mundial do comunismo.

Qualquer coisa que se referisse ao social era identificado com o comunismo tal a força do medo do perigo vermelho. Rio de Janeiro, capital do Brasil, maior cidade do território vivia um clima paradoxal de modernidade e de desigualdades. De um lado, o futuro parecia maravilhoso por se acreditar no Brasil como um país do futuro, por onde o adensamento urbano e com ele o aumento dos bolsões de pobreza, especialmente representado pelas favelas, eram a marca.

O paradoxo permanece se tomarmos o ano de 1950 como referência. Ano da Copa do Mundo sediada no Brasil, mas também o da derrota da seleção no último jogo. A construção do Maracanã havia renovado a cidade. Por conta da Copa do Mundo, os meios de comunicação tomaram um impulso enorme e tudo enfim se modernizou. Entretanto, as expectativas de uma cidade do futuro foram perdendo força com o acentuado processo de fragmentação da cidade.

O primeiro nível dessa fragmentação podia ser registrado pela dualidade de poderes que marcavam as diferenças entre a cidade capital e a

cidade Rio de Janeiro. O segundo nível registrava as diferenças entre as várias zonas da cidade, despertando tensões e disputas a partir do crescimento da Zona Sul. Tudo isso, no entanto, era vivido numa cidade desgastada. Embora o Rio de Janeiro sediasse o poder financeiro, a inteligência brasileira e as novidades tecnológicas e culturais, de dia faltava água e de noite faltava luz, como cantava a marchinha de carnaval.

Além disso, vivia uma constante crise política desde a morte de Getúlio até a posse de JK, deixando de receber, nesse período, verbas federais até por conta da transferência da capital e da construção de Brasília. Com isso, também entrava numa crise de representação, perdendo a importância nacional. Comprometiam a cidade ainda a baixa eficácia administrativa e o clientelismo.

O diagnóstico é o pior possível: fraco desempenho da administração pública carioca inchada de servidores, déficit elevado em quase todos os serviços públicos, falta de política para as favelas, necessidade de expansão da rede viária. A maioria das análises indicavam como culpado dessa situação o governo federal, principalmente depois da abertura do projeto de Brasília.

Em 1960, o Rio de Janeiro possuía 3.300.000 habitantes, com 88% de alfabetização, era o segundo parque industrial do país e possuía 147 favelas. A maioria da população estava concentrada no setor terciário (73%, dos quais 17% eram de servidores públicos). A inflação beirava os 30% e o dólar mantinha-se em alta. A saída foi a criação de um novo estado e com ele a retomada de alguns pontos de força, depois da crise de 1961 com a renúncia de Jânio Quadros.

### **III – A ação de Dom Helder**

É neste contexto que se observa a ação de Dom Helder. Aquele homem mirradinho, ganhava uma estatura de gigante diante do que imaginava como o mundo dos homens. Cuidadoso, exemplar, atencioso e amoroso, Dom Helder possuía uma alma de empreendedor e de carpinteiro, ambas se combinavam nas maneiras de associar a reflexão e o arregañar das mangas para o duro trabalho do dia a dia.

Para que possam conhecer melhor esse homem de luta, citarei um trecho de uma reportagem da revista Manchete de 14 de maio de 1956, assinada pelo grande poeta e jornalista Thiago de Mello:

- Quem não gosta do padre Helmi aqui? É menino, é homem, é mulher velha, é todo mundo até os cachorros da gente já gostam dele; quando ele aparece no começo da rua, os bichos vão indo logo pra junto, fazendo festa.

O negro fez um silêncio, balanceou sob o sol da manhã o corpo alto e esguio e arrematou:

- O homem é de morte!

Esse padre, a quem ele chama de Helmi, é simplesmente dom Helder Camara. O nome do negro não vem ao caso. Mas cabe, só de bonito que é: chama-se Aguinaldo da Conceição. Trata-se de um antigo morador – e isso é o que vem ao caso – de uma favela de rés-do-chão e não de morro, talvez a mais miserável das cento e cinquenta favelas do Rio de Janeiro, que existe entre arranha-céus e residências de luxo, bem no começo do Leblon, a poucos passos do Jardim de Alah: a chamada República da Praia do Pinto, por cuja rua principal entrei logo ao princípio da manhã para ver de perto a obra que, em favor dos favelados cariocas, vem sendo realizada pela recentemente fundada e já grandiosa Cruzada de São Sebastião.”

Esse é o ponto inicial da amarração dos contextos. O começo se liga à organização do Congresso Eucarístico Internacional e à experiência de vida na Ação Católica. No contraste entre a monumentalidade do Congresso e a pobreza da cidade é que se situa o trabalho de Dom Helder e a planta inicial do Banco da Providência.

A ação de Dom Helder se realiza numa cidade recheada de contradições, onde viviam cerca de 600 mil pessoas em condições precárias de um total de 3 milhões de almas e que mereceram a atenção do bispo que prometeu que o Rio não teria mais favelas quando do seu quarto centenário de fundação.

A grandiosidade de seu pensamento contrastava com a simplicidade das soluções. Após o término do Congresso Eucarístico, solicitou ao Cardeal Dom Jaime de Barros Camara a madeira dos bancos que foram postados no hoje Aterro do Flamengo com o objetivo de utilizá-la na reforma e construção nas favelas. Para essas ações contou com a participação exemplar dos católicos envolvidos com a Ação Católica, aqueles mesmos que haviam sido os seus braços direito e esquerdo no Congresso.

Desse primeiro ato singelo surgiu a Cruzada São Sebastião. Um movimento que objetivava mudar a paisagem da cidade, garantindo

moradia e condições de vida para as populações de pobres. Hoje, a denominação é feita apenas a um dos empreendimentos da Cruzada, os apartamentos construídos no Leblon, próximo ao Jardim de Alá. Em 29 de outubro de 1955 tornava-se oficial o movimento.

A confiança no bispo, pelos seus trabalhos e por suas convicções, de início, foi muito bem recebida, principalmente pelos grandes empresários, que apostavam em Dom Helder como um salvador da cidade, cheia de mazelas. Além disso, a proposição de Dom Helder de acabar com as favelas coincidia com as intenções de empresários e de políticos. Aproximava-se a data do quarto centenário da cidade e ela precisava se apresentar bem no seu aniversário. Afinal, as esperanças depositadas nas mudanças e modernizações não se concretizaram com o advento da Copa do Mundo de 1950.

Dom Helder também representava a Igreja e como tal, pensavam todos, corria por fora das questões ideológicas do período, marcadas por crises constantes que levaram ao suicídio do Presidente Vargas em 1954 e que propiciaram uma radicalização política que tomou conta da sociedade através dos debates estampados nos jornais, dentre os quais a Última Hora, de Samuel Weiner, e o Diário de Notícias, de Carlos Lacerda.

O dono do jornal O Globo, Roberto Marinho, intercedeu junto ao governo federal para que o presidente em exercício Café Filho ouvisse Dom Helder e lhe desse ajuda na sua Cruzada.

Desse modo, a ação de Dom Helder era bem vinda porque se colocava como apolítica e não-ideológica permitindo que todos pudessem participar dela. O projeto tornara-se um elemento de unidade, mas por pouco tempo. As promessas de ajuda forma sendo adiadas e a conjuntura de uma nova eleição presidencial voltou a estabelecer controvérsias e tensões.

Dom Helder alterou, então, a sua estratégia e inicia um movimento de autonomia da Cruzada, trabalhando a relação entre cristianismo e justiça social. A dinâmica do movimento da Cruzada modificou a visão de Dom Helder com relação ao crédito daqueles que se anunciavam como seus sócios. A partir daí associou as críticas ao seu projeto. Passou a denunciar as injustiças e a prometer trabalho para eliminá-las. Tomou consciência de que seu projeto incomodava, de um lado; de outro, eliminava boas

propostas dos políticos. Descobriu que as ajudas envolviam tornarem-se donos do movimento.

Como um socialista utópico, tomou o seu projeto e deu a ele um caráter pessoal, assumiu o seu controle absoluto gerando complicações. De um lado, através das denúncias de populismo do padre, que talvez fosse candidato a alguma coisa; de outro, através de críticas à politização que ele estaria fazendo da Igreja, associando o movimento a criação da CNBB.

Um dos pontos de maior tensão foi a questão das favelas. Todos concordavam com a necessidade de eliminar as favelas que prejudicavam a cidade. A questão é que as soluções variavam e todas, com a exceção de Dom Helder, não tratavam da questão dos moradores. Um dos pontos maiores de tensão foi com Carlos Lacerda, pivô do suicídio de Vargas e futuro governador do novo estado da Guanabara.

Carlos Lacerda acusava Dom Helder de manipulação política e denunciava a situação de politização da Igreja, dizendo que Dom Helder deveria cuidar dos assuntos religiosos. Isso serviu para que o bispo percebesse que o caminho que havia tomado era o mais justo e pelejou para que a sua Cruzada tivesse sucesso. Para isso, teve que mobilizar todos os católicos e criar mecanismos de multiplicação de recursos para a sua obra. Dom Helder não se deixou levar pela polêmica como queria Carlos Lacerda. Com graça e ironia, passou a usar de símbolos para criticar. Talvez os símbolos mais poderosos desenvolvidos por Dom Helder tenham sido o Banco da Providência e a Feira da Providência.

Dom Helder catou cada tostão para a sua Cruzada, fez empréstimos, pediu dinheiro, convenceu empresários. O resultado foi a construção dos dez prédios com 910 apartamentos no Leblon para desespero dos empresários da construção civil e dos políticos que falavam em acabar com as favelas através da remoção para a periferia da cidade, mostrando como a questão da dignidade da moradia estava num segundo plano.

O bispo do Rio tinha ganho a primeira batalha de uma enorme guerra que ainda duraria muito tempo. Mas precisava de mais. Só morar não garantia completa justiça, eram necessários alimentação, educação e trabalho. Usou de todos os meios para criar essa condição total de dignidade com forma única de liberdade. Construiu escolas, levou água para

as favelas e montou o Mercado de São Sebastião, em 1962, para alimentar o povo. O mercado de atacado possuía 72 armazéns e 168 lojas.

Além disso, atuou em várias áreas da cidade, da Zona Sul à Zona Norte. Favelas como Chapéu Mangueira, Cachoeirinha, Santa Marta, Rocinha e Cantagalo receberam a ação de Dom Helder. No Morro Azul, em Botafogo, construiu 46 apartamentos. E estabeleceu como norma que a cada saída de família do barraco para o apartamento, este seria destruído para que não fossem usados.

Esses projetos de Dom Helder incomodavam e continuavam a receber críticas principalmente porque o tempo de construção não acompanhava as necessidades, especialmente diante do êxodo de trabalhadores do Nordeste para o Sudeste. Além disso, acusavam o bispo de esvaziar as áreas rurais, determinando um aumento dos preços dos hortigranjeiros. Mas também tomavam outra direção, ganhavam a dimensão político-ideológica. As denúncias contra o bispo anunciavam a sua opção pelo comunismo, num momento de terror contra o perigo vermelho. Dom Helder respondia a isso dizendo: "... quando dou pão aos pobres, chamam-me de santo, quando pergunto pelas causas da pobreza, me chamam de comunista" (*O Dom da Paz*).

Lacerda se voltou contra o bispo e anunciou que o empenho do projeto de Dom Helder não levaria a nada, pois não tocava no grande problema do Brasil que era a necessidade de uma reforma agrária e dizia que Dom Helder cultivava a miséria como se cultivava um jardim.

Além disso, mostrava toda a sua ira pelas aproximações que o bispo fazia de JK e de partidos como o PSD e o PTB, inimigos ferozes da UDN de Lacerda. Mas as críticas também tomavam o rumo de ações de terror como o boato do incêndio dos apartamentos da Cruzada e a constante propaganda contra os prédios feita por moradores do Leblon. Também no interior da Igreja surgiam críticas, em especial pela confusão entre evangelismo e comunismo, entre justiça social e coletivização.

Diante desse tumulto, Dom Helder realiza o seu grande passo. Sensibiliza os corações dos cariocas com a defesa dos pobres através da humildade, rebatendo as críticas ao populismo paternalista e denunciado as manobras políticas populistas. O seu projeto é a criação de um banco que financiasse a justiça e a dignidade dos homens. Pensou num banco para

rivalizar com os bancos que dominavam o mundo capitalista. Criou um banco da Providência, um banco de Deus.

Para esse novo projeto contou com a ajuda daqueles que acreditavam no seu movimento. Alceu de Amoroso Lima, Sobral Pinto, grandes defensores da liberdade, irradiaram a ideia. Empresários como Oswaldo Aranha, Clemente Mariani, assumiram a tarefa de torná-la viável, transformando-a num grande evento que confirmava a frase símbolo do novo Banco "*ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer; ninguém é tão rico que não precise de ajuda*".

A lógica do banco era de ser uma caixa de compensações. Assim, além de dinheiro, aceitava-se tudo que podia ser utilizado para eliminar a miséria, de móveis até roupas, de material de construção à materiais médicos. Surgiam carteiras setORIZADAS que atendiam da habitação à educação. O sonho da autonomia e da liberdade tomava corpo, assentava um novo caminho fértil de justiça e de amor. Fechava-se um ciclo para se iniciar outro, pois a conjuntura nacional permitia otimismo, vivia-se a epopéia desenvolvimentista e a perspectiva do progresso. Dom Helder encurtava o tempo das mudanças, adiantava o futuro, tentando fazer com que o desenvolvimentismo olhasse para a sociedade, para aqueles que a dignificavam, para os pobres, para os candangos, para todos aqueles que mereciam como prêmio um olhar.

Foi esse olhar do bispo do Rio que foi visto pelos pobres, foi esse olhar que cativou os ricos e que ergueu o Banco de Deus.

#### **IV- A voz do pastor**

Muitas outras presenças teve Dom Helder. Quando foi removido da cidade, ela chorou, ia-se um amigo, um defensor. A cidade perdia um aliado. Mas suas palavras ecoariam, permaneceriam presentes nos corações e nas mentes daqueles que o ouviram, que conviveram com ele. Pedia que elas fossem para além daquele tempo que se anunciava sombrio. A ditadura militar transformava a sua poética em contestação, os seus apelos em palavras de ordem. Combatê-los era necessário. Fizeram tudo para calá-lo. Não conseguiram. Suas obras falavam por ele e ele mesmo jamais se calou.

E não se calou porque era íntegro, acreditava na humanidade, na força do amor e do cristianismo de Jesus Cristo. Mesmo depois de removido da

cidade, olhou e orou por ela. Em suas ações e em suas reflexões as experiências do Rio de Janeiro estavam presentes. Era um homem de palavras marcadas, um radical que ia ao fundo das coisas, que usava a bondade e a humildade contra a servidão e a falta de liberdade. Entendia que seu dever maior era servir ao próximo, abrindo-lhe o caminho da felicidade, da arte da vida, da poética da ação.

Sua dignidade sempre foi algo esperado e acalentava os corações daqueles que sofriam dos abusos da ditadura militar. As prisões dos amigos o revoltavam, mas a revolta se transformava em denúncia e reflexão. Falando de um amigo presidente de sindicato, em 1965, o bispo do Rio mostrava sua bondade e capacidade de análise: *"Revolta ouvir o que ele teve que escutar. O primeiro ímpeto seria recorrer à TV e denunciar os abusos, citando nomes. Mas não posso ser homem de ímpetos, embora não deva também ser homem de prudências"*.

O equilíbrio era ferino e propiciava avanços. Avanços que já se encontravam em sua vida, em sua experiência no Rio de Janeiro. Dom Helder chegou à Cidade Maravilhosa em 1936. Iniciou sua vida apostólica como diretor técnico de ensino de religião da Arquidiocese. Em 1948, era nomeado monsenhor. Sempre atuante nos temas da fé e com uma visão muito aguçada do papel da igreja na sociedade fundou, em 1952, a Confederação dos Bispos do Brasil – CNBB, seis meses depois de ter sido sagrado bispo na Igreja da Calendária. Exerceu a função de secretário geral da CNBB de 1952 a 1964, anos duros que se complementaram com a organização do Congresso Eucarístico e com a dureza de sua atuação como secretário da Ação Social, entre 1964 e 1968. Em todos esses espaços combateu as injustiças sociais e enalteceu o amor e a humildade não servil.

Seu desempenho como articulador e organizador de temas sociais na interface igreja e sociedade o habilitou a contribuir na criação, em 1955, da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – CELAM, onde exerceu a função de vice-presidente de 1958 a 1964. Daí para a frente, sua capacidade de movimentar o mundo se deu em Recife para onde foi em 1964. De lá acenou para o Rio e para o Brasil, construindo o "Encontro de Irmãos", em 1969, fruto inicial das Comunidades Eclesiais de Base, uma das formas mais desenvolvidas de organização da sociedade e de garantia e defesa da liberdade durante a ditadura militar, ocupando os espaços

deixando pela ausência de partidos livres. Trabalho completado, em 1979, com a criação da Comissão de Justiça e Paz.

Sua luta pela paz, sua mensagem de esperança rodaram o mundo, principalmente depois de sua participação no Concílio Vaticano II. Daí para diante, recebeu homenagens e foi citado por todos por sua capacidade de resistir com uma arma nova, que deixava os inimigos sem jeito: o sorriso de paz, a compreensão dos momentos.

A força de sua palavra era tal que lhe foi negada a palavra após o AI-5, assim como também foi proibida qualquer referência à sua pessoa num nítido ato de censura que mostrava a sua força como defensor da liberdade. A mansidão tornou-se subversiva, o homem que aprendeu a mansidão e a humildade com Pe. Leonel Franca, fundador da PUC-Rio, tornava-se o maior inimigo da ditadura militar. Foi perseguido pelas suas ideais e ações, acusado de ser um bispo vermelho.

Toda essa vida inspirou-lhe, cada vez mais, atenção para os pobres, incluindo aí os pobres de espírito. Cunhou a partir dela ideias que se configuraram em frases como "o amor é o perfume das almas", ou então diante das situações de tensões "só as grandes humilhações humilhações nos levam ao recesso último de nós mesmos, lá onde as fontes interiores nos banham de luz, de alegria e de paz", ou então "quero dedicar-me até o último suspiro à justiça e a libertação dos oprimidos". Todas essas mensagens se somavam em duas afirmações exemplares. A primeira, reforçando a utopia: "um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho. Um sonho sonhado juntos é o princípio de uma nova realidade". A segunda, um alerta para todos os cristãos: "o verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus".

Esses ideais marcavam uma relação muito particular com a fé que tornava Jesus seu companheiro de vida, seu colega de viagem: é graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca.

Esse é o homem que vive no nosso ar, que nos ajuda a viver e nos lembra de que o movimento da Cruzada deve continuar. É isso que estamos fazendo hoje, no ano em que o bispo do Rio faria 100 anos.

## **Referências bibliográficas**

### Obras de Dom Helder

*Indagações sobre uma vida melhor.* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978

*Um Olhar sobre a Cidade.* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

*Revolução Dentro da Paz.* Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

*Mil Razões para Viver.* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

### Livros sobre Dom Helder

ABREU, Alzira Alves de e outros (orgs.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - Pós-1930.* Rio de Janeiro: FGV/Finep, 2001. 5 v. (V. 1, p. 958-963.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1994.

BRUNEAU, Thomas C. *O catolicismo brasileiro em época de transição.* São Paulo: Edições Loyola, 1974.

CASTRO, Gustavo do Passo. *As comunidades do Dom: um estudo de CEB's no Recife.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1987.

CASTRO, Marcos de. *Dom Helder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Helder - Perseguições e Censura.* Recife: Editora Guararapes, 1983.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho.* São Paulo: Edições Paulinas, São Paulo, 1992.

MOREIRA ALVES, Márcio. *A Igreja e a Política no Brasil.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

PILETI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara: entre o poder e a profecia.* São Paulo: Editora Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Dom Helder Camara: o profeta da paz.* São Paulo: Editora Contexto, 2009.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV* Rio de Janeiro: Editora Record, 2000

ROCHA, Zildo (org.). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1999.

SERBIN, Kenneth P. "Dom Helder Camara: o pai do catolicismo progressista brasileiro". IN: KUSHINIR, Beatriz. *Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil do século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.